



Blumenau

em Cadernos

TOMO IV

—

ABRIL

1961

—

Nº4

**No Vale do Itajaí, ou em qualquer outra
região dos Estados de Santa Catarina e
Paraná, onde o senhor esteja, lembre-se:**

MÓVEIS FOLLONI

**DE
ALBERTO FOLLONI & CIA. LTDA.**

**PODERÃO FORNECER O QUE HÁ DE MAIS FINO
E ARTÍSTICO EM MÓVEIS DE TODOS OS ESTI-
LOS E PELOS MELHORES PREÇOS.**

**TAPETES — PASSADEIRAS — CONGOLEUNS — VELUDOS
GOBELINS — DAMASCOS**

**MATERIAL PARA ESTOFADORES
PUCHADORES PARA MÓVEIS**

M A T R I Z : Rua Barão do Rio Branco, 149

Fone : 4-1088

F I L I A L : Rua São Francisco, 195

C U R I T I B A

—:—

P A R A N Á

BLUMENAU

em CADERNOS

Tomo IV | ABRIL DE 1961 | N.º 4

ALGO SÔBRE FRITZ MÜLLER

Gertrud G-HERING

Antes de tomar da pena para escrever algumas notas sôbre o Dr. Fritz Müller, perguntei-me se isso não seria atrevimento da minha parte.

Mas, tendo sido êle, embora por pouco tempo, meu professor de botânica na Escola Nova, de Blumenau, espero que nada tenha de inconveniente se deixar registradas as minhas recordações a seu respeito.

Vejo-o, ainda, diante de mim, em pé, ao quadro negro, giz na mão, desenhando flôres e fôlhas, ao mesmo tempo que dissertava sôbre elas.

Voltava, algumas vêzes, a cabeça, o rosto barbado e enrugado, e perguntava sem zanga:

— Vocês não querem ficar quietos um pouco?

Para os alunos maiores, a aula, que se anexara ao programa da escola, não era nada agradável; êles prefeririam, certamente, com aquêl calor blumenauense, ir banhar-se no Garcia e êles ouviam e entendiam, apenas pela metade, o que o Dr. Müller explicava.

Pedagogo, certamente, êle não era: não conseguia despertar nos alunos atenção para os seus esclarecimentos, mesmo os mais simples, à altura da sua compreensão.

Suas palavras seriam mais apropriadas a um auditório de estudantes de cursos secundários, do que para uma sala de meninos de 12 a 15 anos.

Sômente quando êle passava da teoria para a prática é que chegava a despertar alguma atenção. Isso acontecia quando êle nos mostrava, nos ramos de roseiras que trazia, como fazer para enxertar os rebentos, como fazer a incisão, como colocar o "ôlho" e fazer a respectiva ligação.

Ensinava-nos também, como plantar mudinhas na terra, como as raízes não deveriam ficar muito para fora, etc., etc.

Atrás do pátio de recreio, havíamos feito uns canteiros, à beira do Garcia, para lá praticarmos as instruções do Dr. Müller. Só as meninas, aliás, faziam isso. Os rapazes troçavam do nosso empenho nesse sentido.

Eu acredito que o Dr. Müller também se convenceu da inutilidade dos seus esforços, e, por isso, deu aulas, apenas, por pouco tempo, na escola. Isso, muito para meu desgosto, pois eu gostava das aulas extras, visto como as plantas e flôres estavam entre as minhas maiores predileções.

Quando se é moço, não se pensa nas aflições dos outros homens. Encara-se as situações como fatos inalteráveis.

Sòmente muito mais tarde, compreendi que o Dr. Fritz Müller levava, aqui, uma existência amargurada, isenta de prazeres.

Possivelmente êle nem se apercebera desta realidade em tôda a sua extensão, pois, vivendo mais para o seu ideal, interessava-se mais pelos assuntos intelectuais do que pelos materiais.

A espôsa — sua parenta, segundo constava — lhe dera sete filhas. Duas destas não poderiam ser consideradas como normais. Linchen, a caçula, mesmo adulta, não conseguia caminhar sem o auxílio de outra pessoa, sendo, também, desproporcionada de corpo. Sua irmã Ema, tinha a cara torta e, por isso, sempre a trazia coberta com um véu. Sofria, ademais, de incurável erupção cutânea, movimentando-se com grande dificuldade. Vêz por outra era vista, na rua, a cavalo.

A mãe, uma senhora magra, miudinha, conduzia pessoalmente o zaino, atrelado à singela carrocinha, quando vinha visitar a filha, estabelecida com pequena loja de modista, defronte à nossa casa. Nunca se viu o casal Müller junto, nem mesmo a passeio.

O Dr. Fritz Müller tinha tôdas as características do cientista. Não apreciava nada daquilo a que os demais mortais dão valor, como dinheiro, bens, posição social, etc. Era sumamente desprezencioso e modesto nas suas exigências pessoais.

A questão era saber como a numerosa família encarava a situação. Nunca, entretanto, transpareceu o mínimo que pudesse ser interpretado como inconformismo com a sua sorte.

É certo que a espôsa do Dr. Fritz Müller estava sujeita a sérias privações na administração da casa e outros gastos, devendo ter sido hábil economista. Se o dr. Müller, alguma vez, obteve lucro em alguma coisa, deve ter sido de natureza bem insignificante.

As boas relações que manteve com o dr. Blumenau, vinham de longa data, mesmo tendo êles opiniões contrárias e pontos-de-vistas completamente divergentes. Antes de mais nada, Blumenau era espiritualista, acreditava em Deus; Fritz Müller, apesar de descender de um pastor evangélico e de ser criado em casa paroquial, apenas admitia Deus na Natureza. Era adepto do darwinismo, tendo se correspondido, pessoalmente, com Darwin. O Dr. Blumenau compartilhava da crença, segundo a qual Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, não admitindo, assim, a evolução de um elemento inferior para categoria mais alta, antes na possibilidade da hipótese contrária.

Deveriam ter sido interessantes, sem dúvida, as discussões dos dois grandes homens. Apesar das diferenças de ideologias, entretanto, apreciavam-se e respeitavam-se mutuamente.

Naquela época, quando o panorama intelectual de Blumenau, pouco oferecia de interessante, é de supor-se que a troca de idéias entre aquêles homens de grande cultura, tenha sido um prazer e um consôlo para

ambos. E mais proveitosos, talvez, dos que os que nos proporcionam, hoje, o cinema e a televisão.

Como acontece a todos os personagens eminentes dêste planeta, também o Dr. Fritz Müller teve um fim de vida sobrio.

Passou quatro anos como viúvo, na sua casa no bairro da "Vorstadt" (atual Rua Itajaí).

Quatro de suas filhas estavam casadas, duas falecidas e a doente levava uma vida triste, internada num isolamento junto ao hospital católico, sob os cuidados dêsse nosocômio. Um neto, permanecia em companhia do Dr. Müller.

Antes de recolher-se, doente e alquebrado, à casa de sua filha mais velha, a viúva Brockes, queimou êle, no jardim de sua propriedade, os seus livros e manuscritos, tudo, enfim, que lhe era caro. Tentou, por assim dizer, apagar o passado.

Os seus trabalhos, entretanto, não foram feitos em vão.

A sua obra vive. E sobreviverá nos seus frutos.



AS ARMAÇÕES DE BALEIAS DE SANTA CATARINA eram administradas por empresa particular. Em 1821 passaram a ser administradas pelo govêrno. Pouco depois, entretanto, foram postas em hasta pública e arrematadas por particulares.



BLUMENAU PITORESCO



Um trecho da rua Nereu Ramos, com a antiga feira, atualmente localizada em outra parte da mesma artéria urbana. A rua Nereu Ramos se estende sôbre o canal Bom Retiro, aterrado em 1940 e se constitui numa das mais movimentadas vias públicas de Blumenau.

IMPRUDÊNCIA OU DESTINO?

C. D. BARRETO

Este, foi um dos muitíssimos casos acontecidos na vida pacata e simples da modesta Blumenau dos primeiros anos d'este desconcertante século vinte.

Pouco antes da meia-noite de seis de abril de mil novecentos e seis, ressoava, pelo silêncio noturno da tranqüila cidadezinha de Blumenau, o bater dos cascos de dois cavalos em trote pela poeirenta rua principal, rumo a Itoupava-Sêca.

Naquela época, quando carros motorizados e a bicicleta dos nossos dias não eram, ainda, o meio de transporte generalizado, o cavalo, de montaria ou tração, era a condução mais comum.

Os imigrados em Blumenau, desde o início da colonização, vinham mantendo relações entre si, realizando, para seus encontros, reuniões noturnas, das quais nasceram as diversas sociedades, como as de canto orfeônico, conjuntos musicais, teatro amador, bolão, "skat", "Kränzchen" das senhoras, exercícios de ginástica, etc.

No decorrer do tempo, a vida social e cultural de Blumenau foi bastante movimentada, dentro das circunstâncias, pois, além das festividades pròpriamente ditas, como bailes, concertos, teatro, etc., havia as reuniões de ensaio. Os sócios das diversas sociedades vinham de longe, na sua maioria, pois Blumenau não se desenvolveu ao derredor de um ponto central, mas cresceu ao longo de um rio, o Itajaí Açu, e dos seus afluentes, pelos respectivos vales.

Os sócios chegavam de carroça ou a cavalo, uns e outros entregues ao faro e instinto do animal, conhecedor das travessias diurnas pelo mesmo caminho. Os carros-de-mola, munidos de lanternas, surgiram sòmente depois de duas décadas da fundação da colônia, sabendo-se que o primeiro foi construído na ferrareira Clasen, em Itoupava-Sêca, em 1876, sendo mesmo, mais tarde, o seu uso pouco generalizado, reduzido às famílias mais abastadas, utilizado por estas, também, e mórmente, para saídas "coletivas".

Sempre existiram, também, aquêles que, não se furtando a longas caminhadas, vinham carregando uma lanterninha e, na outra mão, o par de sapatos limpinhos, que calçariam ao chegar ao destino.

As reuniões periódicas de cada sociedade, impunham o compromisso de honra do comparecimento dos associados, só se verificando faltas por motivo de fôrça maior.

Já antes da existência do cavalo na colônia recém-fundada, de sociedades estabelecidas, com sedes em locais fixos de reunião, as famílias mantinham contacto entre si, reunindo-se, à noite, em diversas casas, prèviamente determinadas em cada reunião. As comemorações de datas natalícias e outras, influíam na escòlha.

Os grupos avançavam pelas picadas íngremes, circundando enormes touceiras de taquara, vencendo obstáculos de tóda natureza, seguindo as pegadas de um guia, que agitava um tição acêso para iluminar a pròxima passada. Canto, recitação e apresentação de peças teatrais constavam do programa dessas reuniões. E como coincidissem,

geralmente, com aniversários, ou outras datas festivas, era sempre servida uma ceia, constituída, nos primeiros anos, de muita caça, pão, mel, melado e mus de laranja, de goiaba, de outras frutas. O pão, de gosto duvidoso ao paladar europeu, era de mistura de farinha de mandioca, fubá, batata-dôce ou aipim, onde um pouco de massa azêda fôra utilizado como fermento.

As receitas e parte dos mantimentos, eram adquiridos dos alemães de Gaspar e Belchior, alí já estabelecidos na época da fundação de Blumenau, antigos imigrantes da Colônia São Pedro de Alcântara, fundada em 1829 e já integrados nos usos e costumes do país. Eles ensinaram, ainda, outra modalidade de pão: um bolo feito na frigideira, no fogão sem chapa, que se usava então, sômente de batata-doce ou aipim, cozido e amassado, servido em fatias. Prato infalível era o palmito, petisco delicioso, comparado com o resto da rudimentar alimentação.

Em mil novecentos e seis, as condições de vida já eram outras, bem outras.

Permanecia, porém, a cidade sem iluminação pública, tendo o cavalo por principal meio de condução e transporte.

Os dois cavaleiros que, na noite de seis de abril, seguiam, pela noite silenciosa, vindo de uma reunião de bolão na Casa dos Atiradores, eram membros de famílias tradicionais, primos-irmãos, além de outro parentesco curioso que os ligava: o pai de um dêles era avô do outro.

Após o declive, no trecho da atual praça Dr. Fritz Müller, o trote dos cavalos se transformou em galope e, logo, em corrida desenfreada.

Como teria isso acontecido?

Os cavalos gostavam de vencer as subidas a galope.

— Topas uma corrida?, teria gritado o mais jovem dos parentes e amigos.

E, dado o impulso, os dois companheiros de inúmeras jornadas, arrancaram em desabalada corrida, como rivais de importante aposta.

O mais velho dos cavaleiros era noivo. E a noiva, contra-parente de ambos, morava naquela mesma zona, do lado direito da rua no mesmo em que corria a montaria do mais jôvem. Com insistência, tentava o cavalo montado pelo noivo passar para o outro lado, procurando cortar a dianteira do outro, quando êste, então, num relincho de ira, redobrou de esforços. Os cavaleiros tornaram-se simples fantoches, na imprevista disputa dos dois parceiros.

Será que o cavaleiro do garanhão, que corria no disputado lado direito, homem de vinte e seis anos, bem situado na vida, de gênio impetuoso, dominador, se apercebeu de que o destino adverso cavalgava à sua garupa, dirigindo a corrida? Será que previu, que presentiu o desastre?

Seria mesmo verdade, para maior dramaticidade do caso, o que se dizia à boca pequena, de que, também êle, gostava da noiva do primo, a quem deveria servir de testemunha de casamento e para quem já havia comprado valioso presente: um lampião relugável, para alumiar o lar do futuro casal?

Se tudo isso foi assim mesmo, ninguém sabe.

Na época do desastre, êle tinha namoro "ferrado" com outra moça. Na louca disparada, apertado cada vez mais contra a beira da es-

trada pela montaria do noivo, o garanhão defrontou um montão de pedras ali colocadas para consêrto de um bueiro.

Num esforço supremo, que fez rebentar a cilha, o garanhão saltou o obstáculo, jogando o cavaleiro para a frente, contra o muro do jardim, justamente, da casa da noiva do amigo e, escorregando por sua vêz, caiu, em cheio, sôbre o corpo do infeliz moço.

O outro cavalo, trêmulo, estacou, repentinamente diante do portão. Atordoado, o noivo grita por socôrro. Da casa da noiva e das da vizinhança, surge gente alvoroçada. Acenderam-se lanternas e lamparinas que iluminaram um quadro tétrico.

O garanhão, arquejante, não conseguia levantar-se. Debatia-se com as pernas quebradas. Recebeu, ali mesmo, o tiro de misericórdia.

O cavaleiro, com o crânio e costelas fraturadas, maxilar deslocado, jazia inerte. Não voltou mais a si do estado de côma. Mas o coração forte só parou de pulsar vinte e quatro horas depois.

O estado nervoso do noivo inspirava cuidados.

Como teria ocorrido o desastre?

Ele mesmo não o sabia dizer. Havia asegurado, firme, as rédeas. Mas, no inesperado ímpeto da corrida, perdera o contrôle da montaria.

Sentia, sem ter poder para obstá-la, a insistência do seu animal em direção à direita e o relinchar raivoso do garanhão montado pelo primo.

Que é que movimenta os cordões do destino para que aconteçam coisas assim?

Destino, ou imprudência?



Para o nosso arquivo

O nosso venerando amigo, almirante Lucas A. Boiteux, erudito mestre de história catarinense e dedicado colaborador dêste mensário, teve a bondade de mandar-nos sete postais, com vistas antigas da cidade de Itajaí. Pertencem à série de cartões, mandados imprimir na Alemanha, pela livraria editôra de Eugênio Currin e pela Tipografia do "Pharol". Constituem, êsses postais, um documentário muito precioso e interessante, do aspecto físico de Itajaí dos primeiros anos dêste século, dando-nos uma idéia, mais ou menos exata, do que foi, naquêles recuados tempos, o belo e hoje movimentado pôrto catarinense.

Muito nos lisongeia a bondade do sr. almirante Boiteux que atende, assim, ao apêlo que fizemos, pelas páginas desta revista, aos nossos leitores, relativo a fotografias e postais antigos das cidades do Vale do Itajaí.

Somos muito gratos à gentileza do preclaro mestre e amigo.



QUE MUITO ANTES DE 1791 já eram conhecidas e exploradas as jazidas de ouro do Itajaí-mirim, é prova, entre outras muitas, as Instruções do govêrno, daquele ano, que proibiam a mineração dêsse precioso metal nas margens daquele curso d'água.

21.º – ALBERTO STEIN – (1936 a 1938)

As eleições que se realizaram em decorrência das disposições da nova constituição brasileira, promulgada em 1935, empolgaram a população blumenauense, como, talvez, nenhuma outra até então. É que a Ação Integralista Brasileira, como acontecera por todo o território nacional, entusiasmara os blumenauenses jovens, num movimento espontâneo e patriótico que deu ao embate eleitoral, uma importância e um significado dignos de registro por terem importado na mudança completa dos quadros administrativos municipais.



Alberto Stein, chefe do Integralismo em quase todo o Vale do Itajaí, foi o candidato indicado pela sua facção para disputar o cargo de Prefeito, com uma plêiade de companheiros para componentes da Câmara Municipal.

Em eleição que as forças governamentais tudo fizeram para dificultar, os integralistas tiveram esmagadora maioria, elegendo não apenas o seu chefe para a governança do município, como onze dos quinze vereadores integrantes da Câmara Municipal, e a maioria dos juizes-de-paz.

Alberto Stein assumiu o exercício do cargo, perante a Câmara Municipal, presidida por José Ferreira da Silva, em sessão solene a 3 de abril de 1936.

Contando com a absoluta maioria no legislativo e com o apóio popular, Stein pôde iniciar e prosseguir no seu governo sem maiores dificuldades, apesar da ostensiva oposição dos dirigentes do Estado e do país. Fêz, sem dúvida, uma administração honesta e proveitosa.

Logo no comêço do seu govêrno, a Câmara Municipal promulgou a lei que instituiu o brasão heráldico do município, peça de grande significado, que foi idealizada e mandada desenhar pelo ilustre historiador conterrâneo, o dr. Afonso Taunay, filho do grande amigo de Blumenau e uma das glórias das letras, do parlamento e da administração nacionais, o Visconde de Taunay.

Vários melhoramentos no perímetro urbano, como a ponte sôbre o Ribeirão Fresco, na atual rua Duque de Caxias, a desapropriação e consequente transformação em logradouro público do lote e casa em que viveu o sábio Fritz Mueller, assinalaram a administração de Alberto



No clichê acima, vêm-se as duas filhas do Dr. Blumenau, Cristina e Gertrudes, ladeadas pelo prefeito Alberto Stein e pelo presidente da Câmara, J. Ferreira da Silva, quando da sua visita a Blumenau, em 1937. Gertrudes, ainda vive em Hamburgo, já octogenária, em apartamento onde tudo lembra o Brasil e Blumenau. Teve ela a ventura de participar, em 1950, dos festejos comemorativos do centenário da fundação da nossa cidade e do grandioso empreendimento colonizador, que imortalizou o nome glorioso de seu pai. Já então, a mais velha, Cristina, era falecida. A visita das distintas senhoras ofereceu oportunidade a Blumenau de mostrar o seu reconhecimento à memória do fundador, tendo, assim, se constituído num ato que, por si só, marcaria de benemerência o governo de Alberto Stein. Este, durante todo o tempo em que as filhas do Dr. Blumenau aqui permaneceram, não poupou esforços nem sacrifícios para que a sua estada, entre nós, fôsse cercada de carinho, de estima e de consideração e representasse, realmente, em calor e espontaneidade, um ato público de reconhecimento de todo o Vale do Itajaí, desde a cidade às esconsas linhas coloniais, ao benemérito filósofo, fundador do nosso município.

Stein, durante a qual, também, e a convite do município, as filhas do dr. Blumenau, Cristina e Gertrudes, já sexagenárias e residentes na Alemanha, fizeram uma prolongada visita à cidade e à colônia fundadas pelo seu ilustre pai, percorrendo todo o Vale do Itajaí, homenageadas pela várias cidades por que passaram.

Alberto Stein nasceu em Itajaí, na Barra-do-Rio, a 4 de setembro de 1890. Fêz os estudos primários na terra natal, entrando com 14 anos de idade, para a marinha mercante, passando por todos os postos, gradativamente, até alcançar o de comandante de longo curso. Viajou por vinte anos consecutivos, alguns dos quais como comandante.

Casando-se, em 1923, com dona Adélia Jansen, deixou a vida marítima, vindo estabelecer-se em Blumenau no ano seguinte (1924), mas

O CENTENÁRIO DE GASPAR

O dia 25 deste mês de abril, marca a passagem do centésimo aniversário da lei provincial 509, de 1861, que criou a freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar.

É uma data festiva para os gasparenses, pelo muito que ela significa no progresso e no engrandecimento da comuna, antigo distrito de Blumenau e, hoje, uma das mais promissoras parcelas administrativas de Santa Catarina.

Frei Ernesto Emmendoerfer, também filho ilustre daquele município, na edição de março, destes "Cadernos", escreveu minucioso relato dos fatos que antecederam a criação da paróquia, destacando as figuras de Frederico Schramm, de Nicolau Deschamps e, sobretudo, do admirável padre Alberto Gattone, personagens que se salientaram na campanha pela vitória do ideal que a lei 509 concretizou.

A data de 25 de abril significa, realmente, muito para a vida econômica, social, política e administrativa de Gaspar.

Seria avançar muito, dá-la como a da fundação do próprio município. Sim, porque esta, o início do povoamento e da colonização do território sobre que se estende a jurisdição de Gaspar, deve-se, sem dúvida, ao espírito empreendedor e operoso de Agostinho Alves Ramos que consideramos, também, o verdadeiro fundador da cidade de Itajaí, autor da lei n.º 11 de 1835 que trouxe, para as margens do Itajaí, ao lado de caboclos do litoral, os colonos alemães, inconformados com as condições em que viviam na Colônia São Pedro de Alcântara.

Mas, data, realmente, da lei 509 o início de um movimento de unificação de esforços dos colonos ribeirinhos, ocupantes de lotes das margens do médio Itajaí, nas imediações das confluências dos cursos d'água que, segundo a tradição, foram dedicados aos três reis magos, Gaspar, Belchior e Baltazar, este último transformado hoje no Gaspar Pequeno, e pelos demais tributários, desde o "Velha" até o da "Ilhota", no escopo de se fundar um núcleo central, de onde se irradiassem os socorros da fé, a proteção do poder público, os benefícios da civilização, para todos os recantos da região ubérrima, que começava a ser desvirginada.

O local, onde os esforços de Schramm, coadjuvados pelos de uma dezena mais de colonos católicos, haviam levantado a capelinha de Belchior, era impróprio. Ficava, na extremidade oposta à maioria dos lotes ocupados, longe, portanto, dos colonos de rio-abaixo.

Criada a freguesia, pensou-se logo em sediá-la mais para o centro da zona povoada.

José Henriques Flôres, grande latifundiário da região, a quem o Visconde

continuando a emprestar seus serviços à navegação fluvial Itajaí-Blumenau, sob contróle da firma Malburg.

Do seu casamento teve dois filhos: Ilka, casada com Hartwig Rieschbieter e Egon, engenheiro civil, chefe da 2.ª residência do D.E.R., com sede em Blumenau, casado com dona Liane Otte.

O golpe de Estado de novembro de 1937 interrompeu o govêrno de Alberto Stein que, em janeiro seguinte, foi substituído pelo sr. José Ferreira da Silva, até então presidente da Câmara.

Dedicou-se, então, ao comércio de seguros, fundando a firma que ainda hoje existe, a "Representações Stein Ltda".

Stein faleceu em Blumenau durante os festejos comemorativos do 1.º centenário deste município, a 4 de setembro de 1950, data em que completava 60 anos de idade.

Foi um cidadão bem intencionado e um administrador justo e honesto, credor da gratidão dos blumenauenses.

de Taunay não faz boas referências, devido à sua desmedida ambição, defendendo mais os próprios interesses, que os da Câmara de Itajaí, quebra lanças em favor de Poço Grande, onde era dono de vasta área de terras, para sede da paróquia. Chega mesmo a doar um terreno para a igreja, cemitério e casa do pároco. A escritura pública, que concretizou esse ato, foi, por sinal, a primeira que se lavrou no cartório que mal acabava de ser criado.

Mas, levar a sede para Poço Grande, representaria, apenas, a inversão do problema.

Seria deixar os colonos de rio-acima longe demais da freguesia. E prevaleceu, então, o ponto de vista de Schramm e dos colonos de Belchior, que conseguiram, do Doutor Blumenau, a doação do terreno em que, em 1867, foi construída a nova capela, hoje substituída pela atual e imponente matriz, um dos mais belos e majestosos templos do Estado.

Vale, aqui, entre parêntesis, destacar a influência dos Schramm na criação da freguesia e na sua elevação a município, setenta anos depois. Realmente, se, em verdade, foram decisivos a interferência e os esforços de Frederico Schramm na ereção da paróquia, não foram menos resolutivos os de Leopoldo Schramm, seu descendente, na elevação do distrito blumenauense de Gaspar à categoria de município, em 1934.

O terreno doado pelo Doutor Blumenau, bem como toda a área entre os ribeirões Gaspar Grande e Pequeno, aquêle colonizador adquirira, em 1856, de Renato Dias, seu primitivo proprietário. O dr. Blumenau dividiu, esse terreno, em lotes urbanos e rurais, podendo, assim, com toda razão e justiça, ser êle festejado como o fundador da cidade de Gaspar.

E vem, bem a propósito, divulgar a relação completa dos colonos que adquiriram esses lotes e passaram a habitá-los e a cultivá-los, dando, assim, início ao povoado que se tornou sede da freguesia e pode se orgulhar das suas atuais prerrogativas de município de grandes riquezas e possibilidades.

Eis a relação, que data de 1864. Os títulos definitivos foram expedidos quatro anos, depois, em 1868:

LOTES URBANOS

Lote	Adquirente	Lote	Adquirente
1	Felipe Schneider	22	Escola (passou à Maria Cândida Hoeschl por permuta)
2	Pedro Theis	24	Martinho Jaeger
3	Júlio Paupitz	25	João Pottlaender
3A	Igreja e Cemitério católicos	26	Antonio João da Costa
4	João Antônio van Zoite	27	André Caetano Costa
5	Pedro Seiss	28	Diogo Roque da Silva
7	José Maria de Souza	30	M. Pascoal Martins
8	José Henriques Flôres	31	Destinado à cadeia
9	" " "	32	Carlos Hoeschl
10	Francisco José de Freitas	33	Antônio João da Costa
11	Francisco Deschamps	34	Antônio Isensee
12	Pedro Bornhausen	35	Carlos Hoeschl
13	Henrique Schneider	36	Casa e chácara do Vigário
14	Joaquim Antônio Domingo	37	Francisco Wehrsdoerfer
15	Francisco Antônio van Zoite	38	Humberto Kraemer
16	Felício Dias de Arzão	39	O mesmo
17	Benigno Vieira da Trindade	40	Carlos Hoeschl
18	Nicolau Werner	41	Francisco Schramm
19	Antônio Haendschen	42	Comunidade evangélica e casa do pastor.
20	Jacob Zimmermann	43	Hermann Schramm
21	Carlos Hoeschl		



A relação seguinte é dos lotes situados às margens do Gaspar Grande e Pequeno, que formavam a zona colonial, vizinha à povoação, constituindo o que se costuma chamar, hoje, de „cinturão verde”.

LOTES RURAIS

1	Vicente Ferreira de Castro	16	Carlos Hoeschl
2	Onofre Pereira de Castro	17	Júlio Gaertner e Antônio Deschamps
3	Francisco Schramm	18	Felipe Schneider
4	Zeferino Antônio de Castro	19	Jacob Zimmermann
5	João Reitz	20	José Zimmermann
6	O mesmo	21	José Zimmermann
7	José Maria de Souza	22	Jacob Zimmermann
8A	Antônio de Souza Soares	23	Bernardo Haendschen
8B	Pedro Zimmermann	24	Pedro Deschamps
8C	Francisco Schramm	25	Pedro Wagner e Carlos Hoeschl
9	Teodósio Pereira	26	Jacob Rincus
9A	Fermino Antônio van Zoite	27	Jacob Zimmermann
10	Diogo Roque da Silva	28	Pedro José Schneider
11	Miguel Pitz	29	José Moreira da Silva
12	José Zimmermann	30	Nicolau Pinz
13	O mesmo	31	Jacob Zimmermann
14	Júlio Gaertner		
15	Antônio Deschamps		

Descendente dos primeiros colonos de São Pedro de Alcântara que, por volta de 1840, fixaram-se às margens do Itajaí Açu, nos arraiais de Pocinho e Belchior, criados pela lei n.º 11, de 1835, **FREI QUIRINO SCHMITZ**, elevado, agora, à dignidade do episcopado, foi sagrado na igreja matriz de Gaspar, no mesmo dia do transcurso do 100.º aniversário da criação da freguesia, que os seus ascendentes ajudaram a formar. Estampando o clichê do novo bispo, "Blumenau em Cadernos" registra, com prazer, o faustoso acontecimento, enviando a S. Revma. os seus parabéns e votos de bem-estar pessoal e constante prosperidade da diocese confiada à sua inteligência e ao zêlo de pastor piedoso e prudente.



★
★

Relatando êsses fatos, ligados à efeméride que Gaspar festeja neste mês, queremos destacar o acontecimento que, por certo, marca o ponto culminante das comemorações do centenário da paróquia. Referimo-nos à sagração de Dom Quirino Schmitz, novo bispo de Teófilo Ottoni, em Minas Gerais.

A Providência não poderia ter premiado melhor a população de Gaspar. Descendentes de colonos realmente cristãos, de vida e costumes austeros, os gasparenses souberam conservar as suas tradições de católicos corajosos e abnegados.

Assim, não é de extranhar que tivessem dado e continuem contribuindo com muitos dos seus filhos para o ministério eclesiástico. E dentre os muitos sacerdotes, descendentes dos velhos colonos de São Pedro de Alcântara, que se radicaram em Gaspar, três deles já alcançaram a dignidade episcopal. Trata-se de Dom Daniel Hostim, venerando bispo de Lajes, Dom Carlos Schmitt, bispo de Dourados, Mato Grosso, e Dom Quirino Schmitz, recentemente mitrado e que, participando da merecida e justa alegria da população gasparense, quiz ser sagrado no dia mesmo da passagem do centenário da criação da paróquia.

Nesse dia, Gaspar recebeu a visita das mais altas autoridades civis e eclesiásticas do país, tendo sido sagrante o núncio apostólico Dom Lombardi. Gaspar teve uma distinção de que, talvez nenhum outro município possa se orgulhar: a de contar três de seus filhos feitos dignatários da igreja católica.

Dom Quirino Schmitz, o novo bispo de Teófilo Ottoni, nasceu em Belchior, local da primeira capela, a 22 de novembro de 1918. Fez os estudos primários no Colégio Seráfico de Rio Negro, de 1931 a 1937, inclusive. Tomou o hábito franciscano em Rodeio, a 18 de dezembro daquele último ano. Ordenou-se sacerdote em 28 de novembro de 1943, em Petrópolis. De 1945 a 1952 foi diretor do Colégio Bom Jesus, de Curitiba; de 1953 a 1955 foi professor e prefeito de disciplina do Colégio Diocesano de Lajes; de 1956 a 1958, superior e pároco do convento de Santo Antônio do Pari, em São Paulo e, de 1959 até a data de sua elevação ao episcopado, 22 de dezembro de 1960, exercia as funções de guardião e diretor do Colégio Vocacional Franciscano de Eupen, na Bélgica.

"Blumenau em Cadernos", associando-se à justa alegria com que a população de Gaspar festeja o centenário da criação da sua freguesia e vê, alçado a posto dos mais elevados na hierarquia eclesiástica, mais um dos seus filhos, congratula-se com as autoridades civis e religiosas do município, fazendo os mais ardentes votos pela constante prosperidade e bem-estar do seu povo, merecedor, pela sua dedicação ao trabalho e pelas suas virtudes, das bençãos com que o Céu o tem premiado.



Fenômenos linguísticos do Vale do Itajaí

C. D. B.

Em sua edição de 12 de novembro do ano passado, traz o jornal "A NAÇÃO" a notícia de um caso "sui-generis", ocorrido no cartório do registro civil desta cidade, e segundo a qual os progenitores de uma criança do sexo feminino pretenderam registrá-la com o nome de "Gala", com o que o escrivão não concordou.

Levado o fato ao conhecimento do juiz de direito da primeira vara, o magistrado pronunciou-se a respeito: não era possível o registro da criança com o aludido nome. E deu as razões porque assim decidia.

Porém o cidadão, ciente da decisão do juiz, disse ao escrivão que iria consultar a esposa a respeito, prometendo voltar mais tarde. Comentava-se, depois, que a mãe da criança, a par da determinação do juiz, "fincou o pé" no propósito de dar à menina o nome de "Gala".

Até aí o resumo da notícia.

Lendo-a, não pude deixar de pensar na hipótese de um equívoco.

Tratando-se, talvez, no caso desses genitores, de descendentes de alemães da região, "Gala" seria, na pronúncia deles, nada mais, nada menos, do que o nome "Carla", em português ou alemão correto.

O "r" em Carla, Arno, Armando, Curt, Alberto, Marta, etc. sofreu alteração na pronúncia do alemão falado nesta zona. No caso de Carla, Arno, etc., o primeiro "a" é alongado e o "r" mudo. Em Curt e Alberto,

etc., o "r" é substituído por um "a", não muito acentuado: Cuat, Abeato. Marta transforma-se em Mata.

Em C (ou K) e G, D, e F, B e P como C, S, e Z, respectivamente, a pronúncia, entre um e outro, fica a meio-térmo, ou é trocada.

Muitas vezes uma pessoa está falando no INGO, quando, então, se descobre que quer se referir ao INCO (Banco Indústria e Comércio); Helga é pronunciado HELKA, Ilka ILGA, Alice ALISE etc.

Outra adulteração sofre o terminal ER dos vocábulos e nomes, sendo pronunciado, simplesmente como "A".

Assim, no ano passado, um cidadão requereu a alteração jurídica do seu nome "WALDA", para "WALTER", nome que seus genitores, certamente, pretenderam dar-lhe, tendo sido registrado, entretanto, conforme havia sido pronunciado perante o escrivão, no cartório.

O "I", por vezes, é substituído, também, pelo "E", resultando daí nomes exóticos, como "Ereneu", "Elvera" e outros.

Através do estudo do vernáculo, único idioma ensinado nas escolas primárias, exigindo esforço para a pronúncia correta, face à disparidade da fonética das duas línguas, percebe-se que, às vezes, instintivamente, se corrige a pronúncia do alemão também.

A maioria da juventude de descendência germânica, entretanto, nem fala mais o alemão. É comum a conversa entre pais e filhos, praticada em dois idiomas — os pais falando alemão, respondendo os filhos em português, cada qual se comunicando na língua em que com mais facilidade, sabe se expressar, mesmo que as duas línguas sejam bem compreendidas por ambas as partes.

No caso em pauta, certamente, os protagonistas não acharam razão plausível para que se recusassem nomes tradicionais e estimados como "GALOS" e "GALA" e, assim, "fincaram pé", no propósito de registrar a filha com o último deles.



A 19 DE ABRIL DE 1939, aparece em Indaial, sob a direção do Dr. Alves Pedrosa, o jornal "A Comarca", que teve alguns anos de vida. O material em que era impresso esse jornal, servira, antes, para a impressão do jornal "L'AMICO", dos padres franciscanos de Rodeio e onde frei Lucínio Korte, seu fundador, reunia, a par de um noticiário variado dos acontecimentos mundiais, ensinamentos de grande proveito para os colonos de língua italiana, defendendo, com inusitado ardor, os direitos destes e da região por eles colonizada. Alguns anos depois do desaparecimento de "L'AMICO" o mesmo material serviu para a impressão de outro semanário bi-lingue, "O ESCUDO", fundado por J. Ferreira da Silva, em Rodeio. Era diretor da parte italiana Mário Locatelli, jornalista vigoroso e cuja veia humorística inspirou artigos que marcaram época.



NESTE MÊS, também está festejando o centenário de sua criação a freguesia de São Pedro de Alcântara e Virgem Imaculada Conceição de Barra Velha, no atual município de Araquari. Barra Velha é um dos conhecidos e procurados balneários catarinenses. Foi elevada à freguesia pela lei n.º 510, de 27 de abril de 1861.

AINDA A FUNDAÇÃO DE ITAJAÍ

J. FERREIRA DA SILVA

Os que quizerem persistir na crença de que Vasconcelos de Drummond tenha alguma coisa que ver com a fundação de Itajaí, que o façam. Ninguém poderá proibi-los disso.

Estejam, porém, certos de que estão dando crédito a uma versão que, de forma alguma, encontra assento em fundamento histórico, por mais precário e duvidoso que seja.

Temos dado à publicidade, nestes "Cadernos" e em vários jornais do Estado, abundantes provas de que tudo quanto Drummond realizou, em 1820, em Santa Catarina, não passou de uma derrubada de matas nas sesmarias de El Rei, situadas à margem do Itajaí Mirim, cerca de duas léguas para cima da confluência desse curso d'água no grande Itajaí, à altura da localidade que, ainda hoje, se conhece por "Tabuleiro".

Demonstramos à saciedade, com documentos dignos de absoluto crédito, de autenticidade indiscutível, alguns de autoria do próprio Drummond, que este recebera a incumbência de colonizar aquelas sesmarias, estabelecendo, ali, soldados e colonos, de acordo com as instruções que lhe seriam dadas por Tovar e Albuquerque, governador que era, então, da Capitania.

Há provas documentais de sobra, no arquivo da Secretaria do Interior e Justiça do Estado e no Arquivo Nacional, de que esse governador determinou as providências que Drummond deveria tomar para dar cumprimento ao aviso real, de que se originara a sua vinda, pela segunda vez, a Santa Catarina.

E há provas de que o futuro diplomata, em virtude dessas instruções, esteve, por poucas semanas, apenas, nas citadas sesmarias, onde mandou serrar tabuado. Este, o governador despachou para a Corte, para as obras do Museu Real, que recém se fundara.

E existem, igualmente, provas muito boas de que, nem mesmo nessa derrubada e nesse preparo de tábuas, se poderá atribuir qualquer ato de pioneirismo da parte de Vasconcelos Drummond. Quando este, de ordem do governador, foi às citadas sesmarias, já nestas estava estabelecido um "corte oficial de madeiras".

E tanto é isso verdade que a abundante documentação que nos ficou da atuação do Intendente de Marinha de então, Melo e Alvin, encarregado da localização, em Pôrto Belo, dos colonos ericeiros e da fundação da colônia Nova Ericeira, nos dá notícia de que muita madeira, para as moradias daqueles colonos, foi tirada das margens do Itajaí Mirim e que, quem as preparava e fornecia era um dos Correia de Negreiros, ali estabelecido com morada e roças, além do ribeirão Canhanduva, desde antes de 1793.

E, note-se, a fundação de Nova Ericeira é anterior à segunda vinda de Drummond a Santa Catarina.

Do exame cuidadoso dos papéis em que Melo e Alvin deixou o seu relatório e a sua prestação de contas, relativos à fundação de Pôrto Belo, se pode, até mesmo, concluir que o Intendente da Marinha foi quem orientou Drummond nos passos que deveriam ser dados para a localização de soldados e colonos nas sesmarias do Itajaí Mirim.

Tudo isso, entretanto, teve, por cenário, local muito distante do da atual cidade de Itajaí. Aqui, naquele tempo, no atual bairro da Fazenda, morava dona Felícia Coutinho, viúva do coronel Azeredo Leão Coutinho, a qual possuía duas léguas em quadro, sendo uma ao longo da margem direita do Itajaí Açú, do oceano para cima e duas de comprimento para o sul. Assim, eram dessa viúva e dos demais herdeiros, toda a área leste da atual cidade de Itajaí, incluindo Cabeçadas, Morro do Farol, Praia Braba, etc. embora nela houvesse alguns intrusos, ali estabelecidos antes mesmo do coronel Leão Coutinho, que era comandante da fortaleza de Santa Cruz do Anható-mirim, ter, juntamente com outros, se aproveitado do verdadeiro "rush" que sofreram as terras banhadas pelo grande Itajaí, no final do governo Soares Coimbra.

Quando Drummond esteve no Itajaí Mirim, soube das ótimas terras de Dona Felícia e escreveu ao Ministro Vilanova Portugal uma carta que, por si só, bastaria para convencer a qualquer um de que ele, Drummond, não fundou coisa alguma

e, nem mesmo, esteve no local em que, hoje, assenta a cidade de Itajaí. Essa carta se encontra no Arquivo Nacional, onde tivemos oportunidade de examiná-la e copiá-la.

Contando, primeiramente, coisas relativas ao estabelecimento projetado nas sesmarias de El Rei, êle informa que tivera notícias de uma viúva que possuía grandes terrenos, mais abaixo do rio, e que talvez pudessem ser compradas e anexadas às terras das outras duas sesmarias que êle viera colonizar.

Haverá quem, em face dessa carta, possa duvidar de que Drummond escrevia ao ministro de um local distante da atual cidade de Itajaí, ou melhor, de um determinado ponto onde êle tivesse estabelecido o centro de suas atividades nas sesmarias de El Rei, possivelmente a casa dos Correia de Negreiros, agricultores de algumas posses, já ali estabelecidos muitos anos antes? Não. A carta é clara e é mais uma confirmação do que dezenas de outros documentos asseguram.

Drummond veio ao Itajaí Mirim pelo caminho que chamamos, hoje, "caminho do meio". Depois de curta permanência, adoeceu e voltou pelo mesmo caminho, para a capital da província. As comunicações do governador ao ministro do reino, não deixaram dúvidas a êsse respeito. E, assim, êle não esteve nas terras de Dona Felícia, junto às quais nasceria anos depois, a cidade de Itajaí.

Que nos apresentem um documento, um só, que prove o contrário, e daremos, de bom gôsto, a mão à palmatória. O nosso propósito, em tudo quanto temos escrito a respeito, fruto de pesquisas minuciosas e constantes, não é outro, senão o restabelecimento da verdade.

Dissemos, de princípio, que Drummond não foi o fundador de coisa alguma em Santa Catarina. E avançamos essa afirmação não apenas nos referindo à cidade de Itajaí, mas, também, às incumbências que o trouxeram a Santa Catarina.

Realmente, até mesmo no Itajaí Mirim êle não deixou nada que se pudesse parecer com um estabelecimento colonial, ou um povoado.

Todos os documentos que possuímos, e que estamos pondo em ordem para um dia lhes dar publicidade em conjunto, asseguram isso.

Agora mesmo, repassando uns números antigos da "Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Sta. Catarina", relemos a interessante "Memória histórica da Província de Santa Catarina, relativa às pessoas que a têm governado", onde se confirma o que outros historiadores têm afirmado a propósito da atuação de Drummond no Itajaí Mirim.

De meados de 1817 a igual período de 1821, esteve à testa do govêrno da Província o coronel João Vieira Tovar e Albuquerque, homem violento, desbocado e maneta. Durante o seu govêrno é que se fundou a colônia Nova Ericeira (enseada das Garoupas, Pôrto Belo) e das Caldas do Cubatão (hoje da Imperatriz) e a do Rio Itajaí Mirim, (Sesmarias de El-Rei).

Eis o que, a respeito dêsses estabelecimentos escreveu o cronista, depois de contar coisas pitorescas ligadas ao carater explosivo e arbitrário do governador:

"...mas tanto esta área (a colônia que quiz fundar nas Caldas), como a de Enseada das Garoupas e a do RIO ITAJAÍ, (é nosso o grifo), tudo ficou em projeto de vilas e com o qual se fêz não pequena despesa à Fazenda Real"...

E o nosso insuspeito Almeida Coelho não era de outra opinião. Transcreveu na sua "Memória Histórica" uma afirmação de outro autor, sem lhe opôr qualquer restrição, de que Drummond, no Itajaí, não fôra além de mandar fazer uma derrubada e de gastar, inútilmente, muito dinheiro do erário real.

:—★—:

A LEI PROVINCIAL DE 17 DE ABRIL DE 1874, de número 709, autorizou o govêrno a estabelecer aldeamentos para a catequese e civilização de índios em São Francisco, Joinville e Itajaí.

:—★—:

A 29 DE ABRIL DE 1793 falece às margens do Itajaí Açú, onde residia, Ana Maria da Costa, espôsa de Antônio Dias de Arzão, tido como dos primeiros moradores do Itajaí. Ana Maria faleceu com 90 anos.

FELIPE DOERCK



Felipe Doerck, em 1929, quando, ainda, em pleno exercício de suas atividades de advogado.

— ★ —

Mal passados seis meses, eis Felipe Doerck de volta a Blumenau. Encontro-o na rua Quinze, sorridente e elegante no seu terno de linhas perfeitas. Indago dos motivos do seu regresso.

— Qual, meu filho! exclama êle, o entusiasmo a brilhar-lhe nos olhos azuis: Quem viveu, sob êste sol e êste céu durante tantos anos; quem, com tanto amor e tanto devotamento, venera a esta terra, é blumenauense de verdade, é brasileiro de todo o coração. Não pode morrer longe daqui, nem mesmo na terra que lhe serviu de berço!

E, de fato, construiu casa, nela viveu ainda por vários anos e jaz, hoje, à sombra dos seculares ciprestes do cemitério evangélico desta cidade.

Blumenau deve muito aos seus esforços, à sua dedicação, ao seu patriotismo.

Eis porque, é com o máximo prazer que abrimos espaço, neste "Caderno" aos dados biográficos que o sr. coronel H. Wiederspahn, ligado a Felipe Doerck por laços afetivos, de respeito e admiração à sua inconfundível personalidade, pôs à nossa disposição, fazendo nossas as palavras com que encarece a figura e a atuação do prestimoso blumenauense, cuja memória, infelizmente, não tem sido cultuada com o fervor que bem merece.

"Filho de uma família de funcionários prussianos da classe média, Felipe Doerck saberia manter suas tradições de lealdade funcional e algo daquilo que

Felipe Doerck foi uma dessas criaturas com que a gente simpatiza, logo ao primeiro contacto que com ela se tenha.

Quer pela finura do seu trato, pela esmerada educação que recebera, pela correção e aprumo no trajar, reflexo dos seus modos e gestos de irrepreensível delicadeza, quer pelo brilho da sua inteligência, conquistou a quantos tiveram o prazer de com êle privar, ou, simplesmente, de conhecê-lo.

Integrado na vida de Blumenau, dedicou ao nosso município afeição fora do comum.

Dominando corretamente o vernáculo, obteve provisão de advogado e, nessa qualidade, prestou assinalados serviços à população que, nele, sempre admirou mais o amigo e conselheiro que, propriamente, o profissional.

Apesar de nascido na Alemanha, foi um brasileiro sincero. Amou e honrou a terra que escolheu para sua segunda pátria.

Lembramo-nos, ainda, perfeitamente, da época em que Felipe Doerck, não tendo, aqui, outros familiares além da esposa, que não lhe dera descendência, resolvera desfazer-se do quanto possuía, para ir acabar os dias na velha pátria, junto aos muitos parentes que ainda lá viviam.

Vendeu o que tinha, despediu-se dos amigos a chorar e lá se foi, com a companhia, dedicada e carinhosa, rumo à Alemanha.

Felipe Doerck, quando oficial do exército prussiano, em Posen, Alemanha.

Vindo para o Brasil, integrou-se na vida de Blumenau, exercendo, aqui, por muitos anos, a advocacia e chegando, mesmo, a governar o município, em 1930, durante a licença de seis meses, do prefeito efetivo, sr. Curt Hering, que fôra à Europa em busca de melhoras para a sua saúde.

Felipe Doerck foi um batalhador incansável, e muito contribuiu com a sua inteligência e a sua atividade, para o engrandecimento do município.

Teve papel saliente na revolução de 1893 e em outros acontecimentos de relevância na vida administrativa, política e social do município.



era o apanágio da sua gente e da profissão que, inicialmente, abraçara e da qual tivera que se afastar por motivos econômicos na Alemanha, sua terra de nascença e formação.

Seu pai fôra juiz distrital na Prússia Oriental, onde Felipe Doerck nasceu em 22 de março de 1860, em Lych, ao sul de Koenigsberg, não muito longe da então fronteira russo-alemã. Com o falecimento prematuro de seu pai, sua progenitora e seus dois irmãos passaram a viver com grandes dificuldades econômicas, situação que logo se refletiria na própria profissão que o jovem Felipe Doerck havia abraçado. Este havia ingressado no oficialato prussiano, como tenente do 6.º Regimento de Granadeiros "General Kleist-Neuendorf", então sediado em Posen. Como os vencimentos dos oficiais subalternos do então exército imperial eram muito baixos, exigia-se para o bom desempenho de suas funções numa unidade de elite como a sua, com uniforme muito caro, rendimentos adicionais que sua mãe viúva não mais podia lhe dar. Nada lhe restou, pois, aos 22 anos de idade, em 1882, embora a contra-gosto, que retirar-se do serviço ativo e tentar nova vida como civil. Conseguiu completar seus estudos jurídicos, mas, já no ano seguinte, em 1883, acabou deixando-se empolgar pela propaganda, que se fazia então sobre os diversos empreendimentos de colonização no Vale do Itajaí, em Santa Catarina.

No Brasil, começaria a trabalhar em Brusque, na casa de negócio, a mais antiga do lugar, fundada por Eduardo von Buettner, familiarizando-se, lá, com o idioma português que, depois, chegara a dominar, como poucos, de seus patrióticos do seu tempo. Desde então, salvo ligeiras interrupções, em 1888, 1897, 1900, 1912, e em 1928, permaneceria no Vale do Itajaí e imediações, acabando por integrar-se na vida de Blumenau, onde também acabaria seus dias e encontrou sua última morada, falecendo aos 75 anos de idade, em 25 de fevereiro de 1935. Casou-se em 1892 com dona Emília Malburg, filha de Nicolau Malburg († 1904), antigo mestre-escola e depois comerciante em Itajaí, matrimônio que duraria cêrca de 43 anos sobrevivendo-lhe a espôsa por alguns anos, mas sem filhos.

Em Blumenau dedicou-se Felipe Doerck até 1897 ao comércio, com uma venda situada no mesmo prédio e local, onde mais tarde F.G. Busch instalaria sua fábrica de fósforos. Nesta fase da sua vida, Felipe Doerck, ao lado de Henrique

Probst e Leopoldo Hoeschl, tornar-se-ia merecedor da estima e gratidão de seus concidadãos blumenauenses, pela atitude de prudência tomada em 25 de novembro de 1893, frente às forças invasoras sul-riograndenses do general Gu-mercindo Saraiva, durante a Revolução Federalista, obtendo deste chefe revolu-ucionário plenas garantias em troca de livre passagem para o norte e da neu-tralidade da população local. Organizada a Campanha Hanseática de Coloni-zação, com sede em Hamburgo e que adquiriu grande área de terras devolutas em torno de Hammônia, Felipe Doerck foi chamado para integrar a respectiva diretoria, em 1897, regressando ao Brasil em 1900, quando a empresa resolveu transferir sua sede para Joinville e, depois, para o próprio núcleo de Hammônia. Foi ele um dos poucos que reconheceu em tempo as deficiências financeiras do empreendimento, demitindo-se após permanecer até 1904 como diretor da nova colônia. Daí em diante exerceria as funções de advogado, praticamente o único em Blumenau. Na vida social de Blumenau teve ação destacada, quando ainda moço, como instrutor de ginástica e natação. Residia à rua 15 de novembro, em ampla e confortável vivenda, cuja área chegava até o "morro dos padres", terras que mais tarde venderia em lotes, que hoje ladeiam trecho da rua Brusque.

Embora sem nunca haver renegado sua terra de origem, aceitou a "grande naturalização" como um fato que o ligou definitivamente ao Brasil, sua pátria adotiva, de cujas glórias militares passadas se sentia honrado, exaltando-as constantemente aos jovens que dele se acercavam e aos quais dava todo o cari-nho que teria dado aos seus filhos, que não teve".

Durante a licença de Curt Hering, em 1930, Felipe Doerck assumiu a prefei-tura de Blumenau durante os meses em que aquêle administrador permaneceu na Europa, em tratamento de saúde. Nesse pósto, destacou-se, também, pela sua prudência e dedicação aos interesses municipais.



ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

JANEIRO DE 1961

1.º — Raia o novo ano. Com êle novas esperanças de solu-ção de problemas que ficaram do ano passado, como a greve dos ferroviários da E. F. Sta. Catari-na, iniciada a 23 de dezembro, vi-sando reivindicações de 44% de aumento de vencimentos e federa-lização da ferrovia. A questão se resolve nos meados do mês e os trens começam a rodar, desafogan-do as rodovias do Vale do Itajaí.

3 — Perece afogado, quando se banhava na prainha de Pon-ta Aguda, no Itajaí Açu, o jovem Elói Soares, soldado do 23 R.I. O corpo é encontrado três dias de-pois, na Volta do Capim. A polí-cia toma providências para obstar a repetição de constantes casos de afogamento naquela praia.

6 — Notícia-se que o projetado aeroporto de Gaspar, que se-ria construído na margem esquer-da do rio, não será mais ali, e, sim, na margem direita, no Poço Grande, um quilômetro abaixo da cidade.

13 — Gaspar é a única cidade no mundo que conta com três de seus filhos elevados à dignida-de episcopal (D. Daniel Hostin, bispo de Lajes, D. Carlos Schmitt, bispo de Dourados e D. Quirino Schmitz, bispo de Teófilo Ottoni). — Tendo obtido uma subvenção de 100 contos de réis para a Banda de Música da Congregação Ma-riana esta hamenageia, com um churrasco, o deputado federal Konder Reis.

— Neste mesmo dia, visita Blume-nau o andarilho Alberto Velasque, argentino, que está realizando um reid, já iniciado há 11 anos, atra-vés do Brasil.

14 — A firma Expresso Brusquen-se inaugura filial em Blu-menau.

15 — Egon Levinstein, sócio dire-tor da Fábrica de Chocola-tes "Saturno", institui uma renda mensal à família do guarda-no-turno Bittencourt, vítima de atropelamento na rua 15 de novem-bro. O fato, digno de imitação, ocupa lugar de destaque no no-ticiário, assim como o gesto da

firma Willys Overland do Brasil, pela sua concessionária no Vale do Itajaí, a "Samarco" que, por seu presidente, Victor Deeke, fez a doação de Cr\$ 30.000,00 ao Asilo Dom Bosco de Itajaí.

17 — A imprensa registra a utilidade do jardim zoológico Hermann Weege, de Pommeroda, que é qualificado como "grandiosa obra social e cultural", digna da visita de quantos se interessam.

— O calor é intenso, registrando-se, na cidade, a temperatura de 33° à sombra.

— O general-médico, Ferreira de Barros que esteve em Blumenau, na segunda década do século, servindo na 9.ª Companhia de Metralhadoras pesadas, aqui acantonada, visita Blumenau em companhia de sua esposa, d. Norma Moellmann de Barros, de tradicional família desta cidade.

— Um avião de turismo, procedente de Londrina, pousa no campo de aviação local, fora de prática há muitos anos, não conseguindo depois decolar, em virtude do péssimo estado da pista. Surge uma questão entre o presidente do aéreo clube e a Prefeitura, referente à competência das medidas a serem adotadas na solução do caso.

25 — Aniversário do aquartelamento do 23.º R. I. nesta cidade. Por motivo de força maior, foram suspensas as festividades comemorativas da data.

24 — No "Rotary Clube de Blumenau", centro, o sr. Ernesto Stodieck, diretor da Empresa Industrial Garcia, profere interessante palestra sob o tema: "Repartir a contento", que merece aplausos e é posta em destaque pela imprensa.

29 — Colunista de diário desta cidade, sob o título "fatos e Opiniões", discorre sobre os concursos realizados durante o mês de janeiro, na capital do Estado, analisando o preparo e a competência dos candidatos para provimento efetivo dos cargos de catedráticos da Escola Normal e Curso Científico e ginásial Dom Pedro II, de Blumenau. Os aprovados foram: José Cury, para português; Wigand Gelhardt (diretor do es-

tabelecimento) e seu filho Victor Gelhardt, ambos para matemática; Aiga Barreto para Sociologia Educacional, História e Filosofia da Educação; Andrieta Lenard, para francês; Dr. Ozy Rodrigues, para História; José Zanella e Nicolau Carvalho, para latim; Simeão Hess, História; e Iris Ramers, Orfeão.

30 — Demite-se o fiscal geral da prefeitura local.

31 — O dia da transferência dos governos federal, estadual e municipal, aos eleitos de 3 de outubro, anterior, amanhaço ensolarado em Blumenau. A posse do prefeito Hercílio Deeke foi bastante festiva e concorrida. O seu discurso de posse constituiu-se numa verdadeira plataforma de governo, tendo merecido aplausos gerais. Igualmente festiva foi a posse do governador, sr. Celso Ramos, na capital do Estado, para onde seguiram, em caravanas, muitos blumenauenses desejosos de participarem das solenidades. Blumenau estará representado no governo do Estado pelo sr. Júlio Zadzorny, nomeado presidente da CELESC.

— A posse do novo mandatário da República, sr. Jânio Quadros, é feita em meio à geral expectativa de simpatizantes e de antagonistas, convictos todos de que S.Excia. imprimirá novos rumos à vida administrativa do país.

— Assuntos de interesse da coletividade blumenauense, debatidos pela imprensa no decorrer do mês: Críticas à imprudência dos volantes e exigência de punição mais severa por parte da guarda do trânsito; proposta da adoção de faixa de segurança para pedestres na travessia da rua 15 de novembro; considerações sobre o prédio próprio para Correios e Telégrafos de Blumenau, não concretizado, ainda, por falta de terreno adequado, que o governo municipal possa ceder ao federal que, já de anos, tem destinado verba para o início do prédio. Durante o mês, ocorreram dois incêndios de grande vulto: na fábrica de Gazes Medicinais "Cremer S/A", extinto pelos próprios funcionários e, outro, na Itoupava Central, restrito, com a intervenção dos bombeiros, a um depósito construído de madeira.

ESTANTE DOS "CADERNOS"

★ "REGISTRO DE ESTRANGEIROS — 1808 - 1822" — Com amável dedicatória do nosso prezado amigo e colaborador, Dr. Guilherme Auler, diretor da „Tribuna de Petrópolis”, recebemos, enfeitada em magnífica brochura, impressa na editôra da “Revista dos Tribunais”, sob os auspícios do Arquivo Nacional, a relação dos estrangeiros aportados ao Brasil, de 1808 a 1822.

Esse registro, como se sabe, teve origem no decreto de abertura dos portos brasileiros ao comércio das nações amigas e foi observado até a data da independência nacional. E, conforme esclarece em brilhante “Nota liminar”, o ilustre diretor do citado Arquivo, dr. José Honório Rodrigues, êsse ato, e os demais que foram baixados para dar execução ao decreto aludido, revelam que Sua Alteza Real, D. João, desejava facilitar, como diz o ofício expedido ao Intendente do Ouro, em 28 de março de 1808, as Nações estrangeiras a virem engrandecer êste continente não só com sua população, mas ainda com seus cabedais, e com seus préstimos e talentos, na agricultura e nas artes, de que devem resultar as mais felizes conseqüências para o aumento e prosperidade de todo o Brasil”.

“Do total registrado, adianta o dr. Honório Rodrigues, entre 1808 a 1822, 4.234 pessoas, sem contar, muitas vêzes, os familiares, espôsa, filhos, criados, mais de 1.500 são espanhóis, quase mil francêses (993), mais de seiscentos inglêses, mais de 200 alemães, quase duas centenas de italianos, quase cem suíços e norte-americanos, quase cinquenta suecos, 30 holandeses, 25 irlandeses, 13 austríacos e 11 dinamarqueses e escoseses”.

O dr. Guilherme Auler, na “Introdução” ao livro, destaca a utilidade das listas publicadas, como “ricos mananciais, a sabor da preferência dos estudiosos, em diversas áreas de pesquisa de cada um e como “o valioso material do arquivo nacional completa e retifica pesquisas e estudos históricos, ao mesmo tempo que o enriquece com seus subsídios.”

E, à base dêsses subsídios, o dr. Auler faz um estudo interessante, grandemente instrutivo, das atividades, no Brasil, de alguns dos estrangeiros constantes da relação, como do suíço Sebastião Gachet, a quem se deve a criação da colônia de Nova Friburgo; de João Flach, de Jorge Antônio Schaeffer, que muito fêz pela imigração alemã para o Brasil e pela organização dos batalhões mercenários de D. Pedro I, de cuja dissolução não deixou de resultar benefícios à colonização do país, inclusive de Santa Catarina, para onde muitos soldados revoltados fugiram, aí se estabelecendo em terras incultas, deixando numerosa prole e, ainda hoje, concorre para o engrandecimento do Estado.

Para nós, também, o livro com que nos presenteou o dr. Guilherme Auler tem grande interesse e significado pelo que lhe deixamos, aqui, consignados os nossos melhores agradecimentos. O trabalho, que constitui o volume 46 das “Publicações do Arquivo Nacional”, nos será de grande utilidade.



★ “OS TRÊS CAMINHOS DO HOMEM” — Enfeitada em volume bem impresso, recebemos, com gentil dedicatória do seu autor, a coletânea de poesias a que o inspirado poeta Hélio Chaves deu o título acima. São versos bem feitos, em que predominam os temas filosóficos, pois, segundo o autor, “a poesia filosófica ou social sintetiza a própria sociedade e procura, mostrando a realidade dos fatos, chegar a uma solução, em benefício da humanidade.” Muito agradecidos, felicitamos o sr. Hélio Chaves pelo belo livro que acaba de entregar à publicidade.



★ “PETROBRÁS” — Órgão de divulgação da Petróleo Brasileira S.A., de publicação quinzenal. Agora, em nova feição de revista, bem impressa e fartamente ilustrada, temos recebido, com regularidade, êsse órgão da importante autarquia. É êle, um importante repositório de informações preciosas sôbre as atividades da “Petrobrás” e do importante papel que ela vem desempenhando no progresso e no engrandecimento do Brasil. Agradecemos a gentileza da remessa.

INDESMALHÁVEIS

INDESMALHÁVEIS

LINGERIE

CAMISAS

CALÇAS

CAMISETAS

DE FINÍSSIMO JERSEY

MAFISA

ARTIGOS SUPERIORES

DA

MALHARIA BLUMENAU S. A.

BLUMENAU

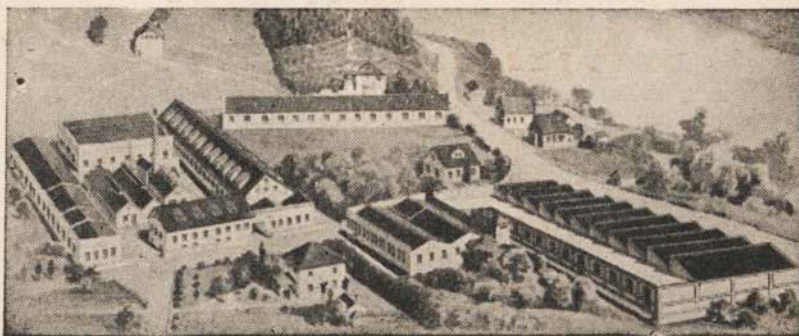
RUA PANDIÁ CALÓGERAS, 270

End. Telegráfico : MAFISA

Caixa Postal, 88

TECELAGEM KUEHNRIK S. A.

FIAÇÃO - TINTURARIA - TECELAGEM - ESTAMPARIA - CONFEÇÃO



ESPECIALIZADA EM :

Atoalhados — Guarnições para mesa
e adamascadas (Jacquard) — Xadrezes e estampados — Cortinas e artigos de fêlpa.

BLUMENAU — Santa Catarina

Caixa Postal N.º 59 — Telefone N.º 1347

End. Electr.: "KUEHNRIK" — Estação Itoupava-sêca.